

Editorial

*“Amar a nossa falta mesma de amor,
e na segura nossa amar a água implícita,
e o beijo tácito, e a sede infinita”.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1978)

Prezado(a) leitor(a)

Com a publicação do presente número, *Elaborações*, concluímos o ano temático *O novo mal-estar na civilização*. Um árduo, porém recompensador trabalho de nossa comissão editorial e, certamente, um não menos difícil trabalho dos autores que se propuseram a produzir pensamento psicanalítico no transcurso desse ano. Esperamos que a escrita tenha servido como forma de auxiliá-los na elaboração do impacto traumático agudo ou insidioso em que coletivamente estamos inseridos. Por outro lado, a experiência analítica nos ensina o quão acalentador, integrador, é *ouvir* os nossos afetos e vivências íntimas na voz do outro. Dessa forma, aos autores do ano de 2021, porta-vozes dos múltiplos mal-estares contemporâneos, sobretudo nesse difícil momento, fica aqui o nosso mais profundo agradecimento.

Estamos em sintonia com a concepção de Laplanche (1987), que diferencia a elaboração, tomada como a integração específica presente no processo analítico, a partir da superação de resistências pela interpretação, de elaboração, que se constitui mais no trabalho de *dominar excitações que chegam ao aparelho psíquico*, ameaçando-o pelo acúmulo e pela possível transformação patológica. Acreditamos ser este o processo que o psíquico, invadido pelas mudanças contemporâneas, precisa dar conta, nos limites de sua plasticidade e de sua capacidade transformativa. No mesmo sentido, os psicanalistas, tensionados por mudanças clínicas que exigem uma particularização no atendimento sem perder a estrutura da técnica psicanalítica, além de serem exigidos a abrir-se ao não representado, sem desconsiderar todos os níveis de registro que o paciente possui, são impelidos a repensar sua técnica e concepções teóricas. Da mesma forma que em *Disrupções e Repercussões na técnica*, propositalmente mantemos o nome no plural, ao acreditar que, por ser um processo em curso, não dispomos de concepções suficientemente estudadas a seu respeito, além do fato de que a insaturação tem se mostrado mais proveitosa no processo transformativo que a seguridade dos dogmas. Dessa forma, os artigos versarão sobre os recursos elaborativos que dispomos frente ao mal-estar individual

e grupal enquanto inseridos na sociedade contemporânea. Estes desenvolvimentos devem ser tomados como contribuições para a construção de concepções, mantendo a provisoriedade necessária para a expansão do pensamento.

Inicialmente prestamos uma homenagem à Dra. Marlene Silveira Araújo, através da publicação do artigo *(Re)considerações em torno da identidade de gênero na infância e adolescência*, escrito em parceria com Carolina Silveira Campos. Portadora de uma longa e profunda experiência clínica como analista didata, tornou-se uma figura seminal para gerações de analistas da infância e da adolescência. Sempre atuante em termos institucionais, impulsionou os primórdios de nossa revista, então Arquivos da SPPA (1990), chegando à presidência de nossa sociedade. Com sua presença marcante e paixão pela psicanálise, fomentava a capacidade clínica e a fé no trabalho analítico, um legado que certamente permanecerá vivo em nosso meio. Lamentamos muito a sua inesperada perda para a Covid-19.

Silvana Rea, em *A utopia e seus destinos*, estuda o destino da utopia na sociedade contemporânea, na qual a prometida estabilidade, a partir da segunda metade do século XX, é paulatinamente perdida, constituindo um *sentido identitário aberto e incerto* em que *os ideais utópicos correm o risco de transformar-se em uma distopia totalitária*, levando à cultura do ato ou do excesso. Defende que talvez o que importa sejam *as aquisições conquistadas durante o caminho que seguimos em direção a concretizá-las*. Juarez Guedes Cruz, em *Sobreviver não basta: o novo/mesmo mal-estar na civilização*, interroga se as manifestações contemporâneas são decorrentes verdadeiramente de um *novo mal-estar* ou se trata da *velha luta* entre Eros e Tânatos, definindo a *infelicidade* na civilização que, como Sísifo, permaneceria eternamente presa à uma *existência sem essência*. Frente à inquietação de *se há vida antes da morte*, propõe que à psicanálise cabe apenas trabalhar pela evolução do aparelho de pensar, o que permitiria *alcançar uma essência, um sentido, um significado para a vida*. No artigo *No princípio é a dor. Entre arte e psicanálise: experiência estética e esperança*, João Augusto Frayze-Pereira estuda a experiência estética na arte e na psicanálise, na qual o *espectador vai ao encontro da realidade sensível-inteligível sem reconhecer formas e conteúdos fixos*. Isto não permitiria um sobrevoo desimplicado, sem a dor necessária constituinte de um verdadeiro trabalho *entre experiência e pensamento, entre o eu e o outro, entre corpo e alma, entre sujeito e objeto*. Neste sentido, espera-se do psicanalista o abandono do *recurso ao método* como instrumento para conhecer ou para interpretar, permitindo a abertura às elaborações. Em caminho semelhante, Raul Hartke, no artigo *Vivenciar, sonhar e pensar experiências emocionais: o processo de elaboração psíquica*, retoma conceitualmente o objeto estético como elemento promotor da experiência emocional e de sua progressiva

elaboração psíquica, associando o conceito de *limite do caos* a um *compromisso altamente dinâmico, delicado e frágil entre estrutura e surpresa* e a posterior constituição introjetiva e inspiracional de um objeto combinado analítico. Duas situações clínicas são descritas, mostrando a captação da experiência emocional vivida pelo par como elemento central no processo transformativo. Em seguimento, Ingeborg Magda Bornholdt em *Dependência, elaboração, liberdade*, a partir do momento único do puerpério, estuda a específica dinâmica mãe-bebê, em uma sincronia fina para a *formação de pensamentos, da criatividade e do seu próprio simbolismo*. Na mesma posição, o analista é *solicitado em sua condição de assumir a dependência emocional e da própria capacidade negativa* para se afastar das prematuras intervenções verbais, absorvendo e deixando-se absorver, imergindo e emergindo em estado pré-verbal: movimentos elaborativos necessários para alcançar a *noção de ser outra unidade separada*.

Dois artigos enfocando o impacto da pandemia na relação analítica e sua elaboração são a seguir editados. Em primeiro lugar, Luís Cláudio Figueiredo, Octavio Souza e Paulo Sergio Lima Silva, no artigo *Espaço, tempo e relacionamentos na pandemia: elaborações*, voltam a estudar *as dimensões de espaço, tempo e relações interpessoais* no ambiente traumático da pandemia, como possíveis elaborações do vivenciado no campo analítico, tendendo a ser invadido por aspectos opostos: *a arrogância negacionista e a obsessividade nos cuidados e precauções*. Por fim, Maria Elizabeth Mori e Roque Tadeu Gui, em *A escrita psicanalítica na pandemia do Coronavírus: tempos de elaboração no Observatório Psicanalítico Febrapsi*, apresentam o processo de escrita do Observatório Psicanalítico Febrapsi, exercício de *clínica extensa*, que acontece em quatro tempos a partir dos *acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais* que nos acometem em função da pandemia, advogando este processo como uma forma de auxiliar na elaboração secundária de eventos produtores de mal-estar.

Em Temas Diversos, publicamos uma nova tradução do artigo *À propos de ma conception du Moi* (1990), de Jean Laplanche, que fora apresentado em português em 1996. Desejamos assim ofertar ao leitor, estudioso de Laplanche, a oportunidade de acesso a um texto não mais facilmente disponível em nosso meio, além de relançar o estudo das importantes concepções do autor sobre o surgimento do Eu. Agradecemos muito especialmente à Kenia Ballvé Behr, fundadora do Grupo Jean Laplanche Brasil, pela autorização para a republicação deste trabalho. A seguir, apresentamos os artigos, escritos a convite, de Luiz Carlos Tarelho, que realiza uma apresentação do referido trabalho, e de José Carlos Calich, que o retoma e discute.

Sempre na aspiração de que o conteúdo de cada número possa ir ao encontro das expectativas de nossos leitores, por serem eles os motivos últimos de nosso

trabalho, agradecemos os retornos recebidos ao longo desse período, desejando-lhes uma leitura com aspectos elaborativos.

Renato Moraes Lucas

Editor Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*

Referências

Andrade, C.D. *Antologia poética*. 12 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

Laplanche, J.L. & Pontalis, J.-B. (1987). *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1996.